



## **PRÁTICAS ORAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: POTENCIALIZANDO A FALA DO ALUNO ATRAVÉS DO GÊNERO “ENTREVISTA”**

Bruna Maria de Sousa Santos; Haiany Larisa Leôncio Bezerra; Maria Gorette Andrade Silva;  
Magliana Rodrigues da Silva

*Universidade Estadual da Paraíba*

*brunasantoscg@gmail.com; haianyleoncio@hotmail.com; goretteandrade1@hotmail.com;  
maglianarodrigues@hotmail.com*

**RESUMO:** Das reflexões suscitadas em torno do ensino-aprendizagem de língua portuguesa, destaca-se a modalidade oral da língua(gem), que também deve ser considerada em âmbito escolar. Desse modo, partindo do princípio de que as interações na modalidade oral (formais e/ou informais) devem ser aproveitadas em sala de aula, tendo em vista a potencialização da fala do aluno; tencionamos apresentar os resultados provenientes do trabalho com o gênero entrevista no contexto do Ensino Fundamental, ocorrido no segundo semestre de 2014. Tais resultados decorrem das atividades realizadas no projeto Base Artística e Reflexiva (B.A.R.), desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental José Pinheiro, localizada em Campina Grande – PB; por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/LETRAS-UEPB). Metodologicamente, trata-se de um estudo bibliográfico com fins qualitativos, no sentido em que também buscamos interpretar os dados apresentados em nosso trabalho. Como aporte teórico, utilizamo-nos dos documentos oriundos da esfera oficial de ensino, bem como das reflexões de pesquisadores como Silva (2010), Marcuschi (2010), dentre outros. Com base nos resultados, verificamos a pertinência em possibilitar ao aluno a participação ativa em situações reais de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Práticas orais, Educação Básica, PIBID, Gênero entrevista.

### **INTRODUÇÃO**

Em se tratando de cursos de licenciatura, evidencia-se a relevância de um contato mais direto dos graduandos com o cotidiano escolar, tendo em vista a ampliação das suas habilidades mediante experiências didático-pedagógicas efetivas, avançando das práticas vivenciadas nos Estágios Supervisionados. Nesse sentido, destacamos o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na mediação de conhecimentos entre a Educação Básica e a Educação Superior. O referido programa, financiado pela Coordenação



de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tem como objetivo principal a valorização do magistério simultaneamente à elevação qualitativa da formação inicial de professores.

Evidenciamos, pois, o projeto Base Artística e Reflexiva (B.A.R.), que vem sendo desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental José Pinheiro (Campina Grande-PB). Tal projeto busca essencialmente a articulação da arte aos conteúdos de língua portuguesa, com vistas ao desenvolvimento crítico-reflexivo do público discente. Desse modo, possibilita a realização de práticas de ensino contextualizadas (por vezes, lúdicas), promovendo nos educandos o aperfeiçoamento de habilidades de leitura, escrita, oralidade e reflexão sobre a língua(gem); a partir do trabalho com a diversidade de textos/gêneros/linguagens que circulam socialmente. Corroborando com as perspectivas de Geraldi (1997), entende-se que o ensino-aprendizagem de língua portuguesa deve ser pensado à luz da língua(gem), uma vez que por meio desta os sujeitos/interlocutores interagem socialmente. A linguagem, portanto, “não pode ser compreendida sem que se considere o seu vínculo com a situação concreta de produção” (PCN, 2001, p. 25).

Dentre as atividades realizadas no projeto B.A.R., propomos o trabalho com o gênero entrevista com alunos do Ensino Fundamental da rede pública (no segundo semestre de 2014), partindo da premissa de que as interações na modalidade oral (formais e/ou informais) devem ser aproveitadas no cotidiano escolar, mediante a inserção dos discentes em práticas efetivas de aprendizagem. Saliente-se que a abordagem da entrevista ocorre por intermédio de uma sequência didática intitulada “Consumismo e Reciclagem”, a partir da qual buscamos discutir sobre o nosso papel na preservação do ambiente em que vivemos, focalizando nos gêneros textuais charge e entrevista. Ressaltamos, ainda, que, neste trabalho, a ênfase recai sobre a entrevista, no sentido em que a culminância da referida sequência foi, justamente, a realização de uma entrevista coletiva na escola José Pinheiro com um artista da cidade de Campina Grande.



Em termos metodológicos, adotamos a pesquisa bibliográfica, pelo diálogo estabelecido com os documentos oficiais (PCN, 2001; RCEMPB, 2006) e pesquisadores da área; como também a abordagem qualitativa, considerando que os resultados a serem apresentados são decorrência de um processo de intervenção pedagógica. Assim, buscamos verificar de que forma as atividades propostas contribuíram para a aprendizagem dos alunos participantes do projeto, em especial no que concerne à desenvoltura oral de cada um. Antes, porém, refletimos acerca da oralidade no contexto de língua materna, adentrando no gênero entrevista e, por fim, na apresentação dos resultados do nosso trabalho.

### **Oralidade e ensino de língua materna**

No âmbito acadêmico, tem-se comumente discutido acerca do ensino de língua materna, com a pretensão de investigar meios teóricos e práticos que busquem a articulação entre as modalidades de ensino, com vistas ao desenvolvimento do aprendiz. Em tais discussões, costuma-se enfatizar a leitura e a escrita como habilidades indispensáveis aos sujeitos escolares. Em acréscimo, salientamos a relevância que também deve ser dada à linguagem oral, considerando seu papel essencial nas práticas sociais.

Sabe-se que, na escola, as práticas orais se manifestam de diferentes formas, a depender do contexto em que elas se desenvolvem; assim, a oralidade está presente em sala de aula desde uma simples saudação (entre alunos e professor) até uma atividade mais complexa de exposição oral como, por exemplo, a apresentação de seminários. Nesse sentido, cabe considerar, além das experiências orais cotidianas (e, portanto, informais), a abordagem de textos/gêneros que também direcionem os discentes ao uso formal da língua(gem). Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 2001), o desenvolvimento da expressão oral do aluno depende, dentre outros aspectos, das possibilidades de adequação (oferecidas na escola) frente às diferentes situações de comunicação.



Em se tratando de tipos orais, Schneuwly & Dolz (2007 *apud* SILVA, 2010) explicitam a existência do oral “espontâneo” e do oral “restringido”. O primeiro trata-se de uma fala mais imediata, suscitada no momento real de interação; ao passo que o segundo, refere-se à vocalização de um texto já escrito. No contexto escolar, como se sabe, a chamada “leitura em voz alta” de textos e/ou atividades torna-se uma realidade mais frequente. E, sobre esse aspecto, Silva (2010, p. 126) aponta que “a leitura de um texto escrito não representa o mesmo esforço ou obedece à mesma exigência de produção oral espontânea. E, embora isto não desvalorize a escrita oralizada, não se pode também dizer que esta supere aquela”. A nosso ver, trata-se de manter um equilíbrio quanto à promoção de atividades orais, as quais sempre devem estar associadas a contextos específicos, de modo que esses “tipos orais” sejam integrados ao trabalho com os gêneros (textuais/discursivos) em geral.

Na ótica dos Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (RCEMPB, 2006, p. 34), “o trabalho com a fala deve permitir a compreensão da oralidade em si mesma e na sua relação com a escrita”. Depreendemos que, embora a escrita não seja a simples representação da fala, uma vez que esta se dá na interação entre os sujeitos; sabemos que para a produção de um texto/gênero oral existe muita escrita por trás (elaboração de esquemas/roteiros etc.). É nesse sentido que reiteramos a pertinência da articulação entre os eixos<sup>1</sup> norteadores do ensino de português. Uma alternativa para isso é o uso dos gêneros textuais/discursivos em sala de aula.

Na acepção de Marcuschi (2010), os gêneros exercem demasiada influência no cotidiano social. Eles são os responsáveis pela materialização dos discursos dos sujeitos e, por isso mesmo, apresentam características específicas, que variam de acordo com o contexto de produção e veiculação. Nesse sentido, em se tratando de gêneros orais, se faz necessário o planejamento didático, estando o aluno ciente da finalidade de estarem vivenciando tais experiências. Segundo Silva (2010, p. 123-124), “[...] os maiores arruinadores do nosso processo educativo são: a não função, a não finalidade, a não justificativa, a não razão de ser”.

---

<sup>1</sup> Leitura, escrita (e reescrita), oralidade e análise linguística.



Pensando nisso, a autora elenca alguns aspectos que devem ser considerados na elaboração e aplicação de atividades pautadas nos gêneros orais (que podem ser estendidas a qualquer outro gênero), a saber: “a finalidade desse evento comunicativo; os participantes desse evento; as condições de produção desse evento; as características linguístico-discursivas desse evento; os resultados que se pode ter a partir de sua efetivação” (SILVA, 2010, p. 123).

Tais pressupostos concorrem para a ideia de que a linguagem oral deve acontecer no interior de atividades significativas, na expectativa de que o aluno consiga visualizar a relevância da sua execução. Desse modo, as práticas orais podem ser desenvolvidas em seminários, debates regrados, relatos orais, dramatizações, leituras interpretativas, simulações de programas televisivos, monólogos, dentre outras atividades e gêneros que se utilizem da linguagem oral em diferentes instâncias da vida social.

### **Entrevista: uma interação organizada**

De acordo com os RCEMPB (2006), as situações de oralidade devem ancorar a fala do aluno em função do contexto comunicativo em que determinado gênero se insere, isto é, devem contribuir para a adequação dos aprendizes a divergentes circunstâncias. Nesse sentido, destacamos a entrevista como um gênero “basicamente<sup>2</sup>” oral, que circula em domínios discursivos específicos, sendo responsável pela veiculação de variados conhecimentos. A entrevista visa à informação, que também é usada para diversos fins.

Segundo Hoffnagel (2010), a entrevista é um gênero comum na sociedade moderna. Os sentidos decorrentes da sua produção vão depender da finalidade pretendida e do local onde é realizada, bem como em que veículo de informação irá circular. Nessa perspectiva, o termo “entrevista” permite o desdobramento de diferentes nomenclaturas, que se unificam com base no padrão “perguntas” e “respostas”, a sua principal característica estrutural. Assim, temos: entrevistas de emprego; de seleção para a participação em programas institucionais; de

---

<sup>2</sup> Basicamente oral, pelo fato de que muitas entrevistas precisam ser transcritas, ficando na escrita as marcas de oralidade.



campo, muito comum em âmbito científico; entrevistas jornalísticas, em programas de televisão ou mesmo aqueles transmitidos pela internet; entrevistas radiofônicas e coletivas etc. A entrevista é, pois,

[...] uma prática de linguagem altamente padronizada, que implica expectativas normativas específicas da parte dos interlocutores, como num jogo de papéis: o entrevistador abre e fecha a entrevista, faz perguntas, suscita a palavra do outro, incita a transmissão de informações, introduz novos assuntos, orienta e reorienta a interação; o entrevistado, uma vez que aceita a situação, é obrigado a responder e fornecer as informações pedidas (SCHEUWLY; DOLZ, NO PRELO *apud* HOFFNAGEL, 2010, p. 196).

Trabalhar a entrevista na sala de aula, além de permitir o desenvolvimento de práticas orais em âmbitos mais formais, contribui para que os alunos saibam se comportar adequadamente, respeitando a fala/turno do outro/collega e do entrevistado. Além disso, para a realização do referido gênero é necessário conhecimento prévio sobre o assunto e o perfil do entrevistado, despertando o interesse pela pesquisa e o cuidado no uso da linguagem formal. Na perspectiva de Silva (2010, p. 138), “as práticas de oralidade são muito bem vindas à escola e podem servir mais do que se pensa na produção dos alunos, que, se bem orientados, podem começar a construir, a partir do oral, melhores textos escritos, e vice-versa”.

### **Práticas orais na Educação Básica: Com a palavra, nossos alunos!**

Tendo como sustentáculo as vertentes norteadoras de ensino (oficiais e acadêmicas), o projeto Base Artística e Reflexiva (B.A.R.) privilegia o trabalho com gêneros textuais/discursivos em sala de aula, permitindo a articulação de temáticas relevantes aos vários conteúdos de língua portuguesa e, por conseguinte, a mobilização dos saberes dos aprendizes. Nesse processo, com a finalidade de intensificar a proximidade do aluno com o gênero em destaque, buscamos dialogar com outros textos/gêneros e linguagens (verbal, não



verbal e/ou multimodal) que circulam na sociedade.

Metodologicamente, trabalhamos com sequências didáticas e módulos didáticos. Assim, boa parte do que propomos nas sequências passam a integrar os módulos. Também procuramos inovar as aulas, utilizando-nos: de dinâmicas relacionadas ao conteúdo; da exibição de vídeos que ampliem a percepção do aluno acerca do assunto (e, nesse sentido, as tecnologias digitais demonstram muita utilidade); utilização de apresentações em *power point*, que contribuem para a dinamização de informações novas, complementares ao material disponibilizado ao aluno, bem como pela praticidade desse instrumento; etc. Partindo de tais pressupostos, buscamos descrever alguns aspectos relativos às práticas orais desenvolvidas ao longo da aplicação da sequência intitulada “Consumismo e Reciclagem”, mostrando a culminância desse trabalho através da entrevista.

O trato com a entrevista se deu gradativamente, desde as primeiras aulas (de um total de oito) os discentes já mantiveram um contato prévio com o gênero em estudo. Em todos os encontros eram levadas entrevistas (impressas e/ou em vídeo) que estivessem ligadas à problemática da aula, com o intuito de familiarizar os alunos acerca da estrutura, linguagem e postura dos participantes. Assim, ao falarmos no consumismo excessivo que perdura em nossa sociedade (que difere da noção de “consumo”, necessário à sobrevivência humana), refletimos sobre a diferença entre o “querer” e o “precisar”, complementando com a entrevista da *Record News* intitulada "Consumismo pode virar doença".

Outro ponto levantado ao decorrer das aulas diz respeito à utilização da propaganda como um elemento que incita o consumo desnecessário (como, por exemplo, as propagandas da empresa *Polishop*). Nesse contexto, também abordamos o exibicionismo ostensivo presente nas letras do dito “*Funk Ostentação*” e, a fim de intensificar tais discussões, levamos uma entrevista feita por Marília Gabriela, no programa “De frente com Gabi”, com os cantores Mc Gui e Mc Guimê. Desse modo, os discentes puderam refletir (e, sobretudo, se posicionar) acerca da necessidade de possuir e exibir bens de consumo, em uma tentativa ilusória de



felicidade e satisfação pessoal.

Um assunto que também pôde ser destacado trata-se do papel manipulador da mídia na proliferação de “modismos”, suscitados pela influência da televisão e das celebridades. Ao evidenciarmos alguns produtos que viraram “febre” entre os consumidores, tendo em vista a sua frequente exibição em telenovelas e programas televisivos, instigamos o nosso público escolar a um debate em sala. Por ser um assunto interessante, a exposição oral de pontos de vista (e exemplos) sobre a temática ocorreu satisfatoriamente. Complementar a essa abordagem, trabalhamos a entrevista “Giovanna Antonelli fatura com as tendências de moda de suas personagens”, evidenciando a influência dos famosos na incitação de práticas modistas.

Cabe salientar que a abordagem de tais entrevistas sempre culminava na atenção especial para os aspectos do gênero. Ressalta-se também que as atividades citadas em nosso trabalho não descrevem a execução da sequência<sup>3</sup> em sua totalidade, mas parcialmente. Nesse sentido, cabe mencionar o trabalho com o texto chárigo no desenvolvimento crítico dos alunos, uma vez que a charge esteve presente em grande parte das aulas (tanto nas questões relativas ao consumismo exagerado, como nas discussões sobre o meio ambiente e a reciclagem), fator influente na escolha do nosso entrevistado.

Sendo a entrevista o produto final da sequência, selecionamos um encontro específico para o aprofundamento acerca do gênero (funcionalidade, linguagem utilizada, temática, tipos de perguntas e comportamento adequado para sua concretização). Aproveitando, mostramos aos discentes o perfil do entrevistado, passando todas as instruções para realização da entrevista, nesse caso, coletiva. Assim, cada aluno elaborou sua pergunta com base em seus interesses, isto é, naquilo que mais lhe chamou atenção como, por exemplo, a dificuldade de criação de uma charge, a inspiração para a sua elaboração etc.

A entrevista<sup>4</sup> propriamente dita ocorreu no encerramento do trabalho sobre “Consumismo e reciclagem”, marcado pela visita de um dos grandes expoentes da produção

---

<sup>3</sup> Disponível em: <[http://pibidbar.blogspot.com.br/2014\\_10\\_01\\_archive.html](http://pibidbar.blogspot.com.br/2014_10_01_archive.html)>.

<sup>4</sup> A entrevista pode ser conferida na íntegra no blog do projeto, no link: <[http://pibidbar.blogspot.com.br/2014\\_12\\_01\\_archive.html](http://pibidbar.blogspot.com.br/2014_12_01_archive.html)>.





de charges no Brasil e que faz parte da cultura do nosso estado. Estamos falando de Erinaldo da Silva, popularmente conhecido como Lila chargista, um artista campinense que se destaca por suas habilidades e técnicas artísticas imprescindíveis. Dentre as funções que costuma exercer nessa área, atualmente Lila é chargista do Jornal da Paraíba e suas charges (dotadas de críticas político-sociais) circulam diariamente em âmbito social.

Durante a entrevista (gravada), cada aluno teve a oportunidade de fazer sua pergunta ao visitante, que prontamente se propôs a responder. Tendo em vista o desempenho dos alunos em expor suas curiosidades de forma contida, sabendo esperar a fala do entrevistado e dos colegas, constatamos a preocupação de todos em demonstrar seriedade naquele ambiente e adequação ao gênero estudado.

Por meio da entrevista, os discentes puderam conhecer a charge do ponto de vista do seu produtor, percebendo que situações corriqueiras (aparentemente simples, sem maiores repercussões) podem ser transformadas em crítica social. Além disso, foi uma oportunidade de conhecermos, não apenas o trabalho, como também a história de vida do nosso convidado. Ao final, fomos contemplados com a criação de uma charge exclusiva para a entrevista. Com base em tais resultados, reiteramos as perspectivas dos RCEMPB (2006, p. 34) ao enfatizarem que “o trabalho com os gêneros orais deve ser sistemático, intencional, planejado e reflexivo, a fim de possibilitar a ampliação do universo enunciativo dos educandos de forma não incidental, mas consciente”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo em vista as discussões e experiências apresentadas em nosso trabalho, evidenciamos a relevância do PIBID na formação inicial de professores de todas as licenciaturas. No que concerne ao ensino de língua portuguesa, destacamos as contribuições do projeto Base Artística e Reflexiva (B.A.R.) no desenvolvimento dos aprendizes, por meio



de práticas de ensino contextualizadas e da inserção dos discentes em situações reais de interação e de aprendizagem.

Enfatizamos, também, o trabalho com os gêneros textuais/discursivos em sala de aula, permitindo a articulação de temáticas sociais aos conteúdos escolares, bem como o aperfeiçoamento das habilidades por parte dos alunos. Considerando que uma dessas habilidades diz respeito à modalidade oral da língua(gem), destacamos a entrevista como um gênero relevante no trabalho com práticas orais (formais) em âmbito escolar.

Com base nos resultados, verificamos que as atividades propostas contribuíram para a aprendizagem dos alunos do projeto, uma vez que eles puderam vivenciar experiências orais durante as aulas e, sobretudo, na concretização da entrevista. Desse modo, depreendemos que o trabalho com gêneros orais contribuem para o não silenciamento do aluno, alargando as possibilidades de interação oral em contextos socialmente situados.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *In: Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua portuguesa*. Brasília: A Secretaria, 2001.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. *In: Gêneros textuais e ensino*. DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 195-208.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In: Gêneros textuais e ensino*. DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 19-49.

PARAÍBA. Secretaria do Estado da Educação e Cultura. Coordenadoria do Ensino Médio. *In: Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba: linguagens, códigos e suas tecnologias*. João Pessoa: [s.n], 2006.

SILVA, José Maria da. Gêneros Oraís na Escola: é proibido fazer silêncio! *In: Ações de*



**linguagem:** da formação continuada à sala de aula. PEREIRA, Regina Celi Mendes (org.). João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010, p. 117-147.